

99 / 1

IVONETE EUCLIDES DOS SANTOS

**A INTEGRAÇÃO DO CEGO NA ESCOLA  
REGULAR:  
É POSSÍVEL?**

Rio de Janeiro  
FUNARJ  
1976

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

A INTEGRAÇÃO DO CEGO NA ESCOLA  
REGULAR: É POSSÍVEL?

Monografia apresentada à Escola de Educação da  
Universidade do Rio de Janeiro.

Por:

IVONETE EUCLIDES DOS SANTOS

Maio de 1999

## AGRADECIMENTOS

À Deus, pela força indispensável para  
transpor as barreiras.

À orientadora Liana, pela confiança,  
encorajamento e dedicação a mim  
dispensados;

Aos professores do Instituto Benjamin  
Constant, Aparecida e Maria da Glória de  
Souza Almeida;

À professora Eliane Melo Lauriano, da  
Escola Renata Magaudi e ao aluno Carlos  
Henrique do Colégio João Brasil, pelas  
informações prestadas;

E a todos que direta ou indiretamente  
contribuíram para produção deste trabalho.

Ao leitor e amigo Roberto;  
À Lyvia Márcia dos Santos, minha filha,  
pelos momentos em que precisou  
abrir mão da minha companhia.  
Momentos estes, fundamentais para  
a conclusão do presente trabalho.  
Aos meus pais, pelo incentivo e carinho.

"A deficiência é um obstáculo e não um impedimento,  
assim a educação alavanca a coragem fundamental  
para a superação de barreiras e a anulação  
da idéia de impossibilidade."

## Sumário

### Introdução

#### 1. A deficiência visual

##### 1.1 – Processo de adaptação

- Limitações
- Integração social
- Leitura dos cegos

#### 2. A educação dos cegos

##### 2.1 – Instituto Benjamin Constant (IBC)

- Jardim de Infância
- Alfabetização

#### 3. Os cegos no ensino regular

##### 3.1 – Escolas com alunos cegos

- Escola Renata Magaldi
- Orientação aos professores do ensino regular

#### 4. Os cegos em outros países

- Na Dinamarca
- Na Espanha

#### 5. Conclusões

### Referências bibliográficas

## INTRODUÇÃO:

O presente trabalho cumpre uma exigência da Escola de Educação da Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO), para a conclusão do curso de Pedagogia.

O interesse pelo tema, "A integração do cego na escola regular", surgiu em virtude de minha deficiência visual e pelo fato de residir em uma cidade do interior do Ceará, sem nenhum recurso financeiro. Só fui alfabetizada aos nove anos, quando mudei para o Rio de Janeiro e ingressei no Instituto Benjamin Constant, escola especializada para deficientes visuais, em regime de internato.

A incapacidade de entender não só a minha situação, mas também a de outros colegas, no tocante as dificuldades enfrentadas por nós para o ingresso no processo de ensino-aprendizagem, constituiu-se no fator determinante para escolha do tema.

Devemos ressaltar que não apenas a escolha do tema, como também o desenvolvimento do trabalho, mostram experiências vividas por pessoas cegas, enquanto alunos de uma escola especializada e da rede regular de ensino, uma realidade enfrentada por nós em cada uma dessas escolas. E fazer breve reflexão sobre a questão da alfabetização de uma criança cega numa escola especializada e numa escola da rede regular de ensino. Chamo a atenção para os casos dos alunos cegos que ingressam nas escolas da rede regular de ensino já alfabetizados através do método braile, em relação aos alunos cegos que nelas são alfabetizados.

Este trabalho visa também, uma pequena análise da questão da integração da pessoa cega na sociedade. É muito importante, pois essa integração na sociedade não se dá apenas através da educação. As barreiras estão presentes em muitos momentos, isto porque desde bebês, começamos a observar as diferenças. Não restam dúvidas, de que crianças com visão perfeita terão mais chance de se desenvolver do que

uma portadora de deficiência visual. Porém, é importante destacar, o fato de que ao invés de sentir "pena" da criança cega, deve-se estimular seus sentidos, para que esta possa aprender a se relacionar com seus semelhantes e com o ambiente à sua volta, da melhor maneira possível, mesmo tendo limitações.

Infelizmente, em nosso país, a população ainda não possui informações suficientes para lidar com os deficientes, seja qual for a deficiência, sendo assim, muitas vezes, as famílias tendem a tratar crianças cegas, que por ventura venham a ter, como seres incapazes de realizar qualquer coisa, fazem tudo por e para elas ou as deixam de lado. As crianças que recebem uma estimulação adequada, se desenvolvem melhor, tornando-se mais seguras para relacionar-se com outras pessoas, para a aprendizagem, e até mesmo para conviverem com a questão da cegueira.

A falta de preparo para lidar com o diferente, estende-se para outros momentos de nossa vida; nas escolas, onde apesar da Constituição nos garantir alguns direitos, lamentavelmente, o que encontramos na maioria das vezes são professores despreparados, material didático inadequado, desinteresse daqueles que poderiam fazer valer essas leis e outros obstáculos. Quando se ultrapassam estas questões, esbarra-se na questão profissional. Se para os "normais", a situação atual não se apresenta favorável, imagine para nós que temos dificuldades para nos adaptar a qualquer cargo, sem falar na questão da falta de conhecimento dos empregadores, preconceituosos por desconhecerem nosso potencial. Além dos obstáculos já citados, certamente existem muitos outros para os cegos alcançarem seus objetivos, porém a educação é o caminho para derrubarmos estas barreiras. Apesar destes fatos, os cegos estão alcançando com freqüência os cursos profissionalizantes e os de graduação nas universidades. Hoje, não se formam apenas professores, também temos advogados, psicólogos, assistentes sociais, analistas de sistemas,



músicos. Pessoas que estão não apenas formadas, e sim excelentes profissionais trabalhando em órgãos públicos e particulares. Sendo assim, a questão principal é mostrar as pessoas quais as reais possibilidades de uma criança cega ser educada numa escola da rede regular de ensino. Será desde a alfabetização, ou ainda precisamos de escolas especializadas para esta fase da aquisição da escrita e da leitura? No Brasil, a educação dos cegos na classe regular é possível?

Na metodologia para a realização deste trabalho, iniciamos com a leitura de textos que tratam questões relativas as pessoas cegas e sua educação. Utilizamos também, informações, descrições, obtidas em conversas informais com professores que trabalham na área de educação especial, e com alunos cegos que estudam em colégios da rede pública de educação e minha própria experiência enquanto pessoa cega.

O primeiro capítulo, baseando-nos em bibliografias já existentes, apresenta uma breve exposição sobre as questões relativas ao cego de modo geral, aborda de forma sintética temas como: principais sintomas para que se perceba quando uma pessoa está com problemas visuais e questões relativas a integração e socialização da pessoa cega; suas limitações e as reais condições para superá-las.

O segundo capítulo trata a educação dos cegos, no Instituto Benjamin Constant desde a sua fundação até os dias atuais e, além de contar a sua história, destaca sua importância inquestionável para a educação das pessoas cegas.

No terceiro capítulo, focalizamos a escola regular da rede de ensino, através da minha própria experiência e de outros cegos e o que está acontecendo atualmente em relação à educação de alunos sem visão.

## CAPÍTULO I

### 1. A DEFICIÊNCIA VISUAL

Os cegos são indivíduos que, embora possam ter ou não alguma sensação luminosa, não enxergam.

Segundo vários autores, procurando dar uma definição funcional da cegueira, distinguem três tipos de deficientes visuais: consideram cegos aqueles que tem somente a percepção da luz ou não tem nenhuma visão e precisam aprender "através do braille e de meios de comunicação que não estejam relacionados com o uso da visão" ( Banaga. cit. Kirk & Gallagher, 1987 ). Consideram com visão reduzida (sub-normal), aqueles que tem limitações da visão a distância, mas são capazes de ver objetos e materiais quando estão a poucos centímetros ou no máximo a meio metro de distância. O terceiro grupo com dificuldade de visão, são considerados com visão, se esta pode ser corrigida.

Em termos educacionais, são cegos os que precisam do braille e de visão reduzida os que usam material impresso.

A cegueira, geralmente, é definida como acuidade visual para distâncias de 20/200 ou menos no olho melhor, após correção, com mais de 20/200 são definidas com visão reduzida, segundo padrões comentados pela *National Society the Prevention of Blindness Fact Book* (Kirk & Gallagher, 1987).

Os sistemas escolares, se interessados, podem dispor de uma grande diversidade de métodos para detectar crianças com deficiências visuais. Podem ser encaminhadas diretamente ao oftalmologista, para realizar uma optometria.

O professor da escola regular pode encontrar alunos com problemas visuais, que se apresentam em determinadas etapas da vida escolar, que são sintomas de perda da visão. Autores mencionam uma série de signos significativos para suspeitar que o aluno não está enxergando bem, entre eles citamos:

- Irritações crônicas dos olhos, indicadas por olhos lacrimejantes e pálpebras com bordas avermelhadas;
- Esfregar os olhos ou contrair o rosto ao olhar para objetos muito distantes;
- Cautela no andar, tropeços sem razão aparente;
- Piscar excessivamente durante a leitura ou pender a cabeça para um dos lados durante a leitura;
- Sensibilidade a luz muito forte;
- Queixar-se de dores de cabeça, nos olhos, tonteiras, sentir náuseas após um tempo de leitura ou escrita;
- Cobrir freqüentemente um olho para ler;
- Não é capaz de ler as frases que o professor escreve no quadro;
- Sai da linha ao escrever;
- Tem grande tendência a inverter letras, sílabas, palavras, confundir letras de forma semelhante;
- Muda freqüentemente de posição ao realizar a leitura, muito perto ou distante.

### 1.1 – PROCESSO DE ADAPTAÇÃO

- Limitações:

Os cegos são indivíduos que não possuem nenhuma outra defasagem inerente a eles, que não seja sua própria deficiência, embora esta diminua suas possibilidades de experimentação, e prejudique a maioria das vezes o relacionamento social. As inadequadas intervenções educacionais favorecem o surgimento das defasagens no desenvolvimento social, afetivo, cognitivo, psicomotor, quando comparado a indivíduos de visão normal da mesma faixa etária.

Vários autores destacam que geralmente os portadores de deficiência visual são introspectivos e não possuem iniciativa, não se arriscam, são desconfiados, como se estivessem sempre a defesa passiva. Isto ocorre porque, sendo a visão responsável por 80% das informações, os cegos ficam privados de "pistas sociais", como os gestos, expressões faciais e outros movimentos das outras pessoas e das mensagens visuais de todos os meios de comunicação.

Embora os cegos possam ser vistos como pessoas normais, tem limitações que são percebidas no seu desenvolvimento; porém estas não são de natureza anatômica e fisiológica do sistema motor, cognitivo ou afetivo, mas sim pela falta de experiências em nível visual, que se bem trabalhadas poderão diminuir. As limitações psicomotoras apresentam como característica a inibição voluntária. As cognitivas, estão diretamente ligadas à captação de estímulos, a falta de experiências práticas e a ausência de relação entre o objeto visualmente percebido e o que este representa através da palavra, o que caracteriza a dificuldade da formação e utilização de conceitos. As limitações de ordem sócio-afetivas, apresentam como característica a apatia. O deficiente visual naturalmente desenvolve outros sentidos, como forma de melhor adaptação ao meio em que vive, porém não há compensação.

- INTEGRAÇÃO SOCIAL

Dessa forma os cegos encontram dificuldades de compreensão em sua reais limitações. Possuem restrições no aproveitamento de vivências sociais por não serem capazes de captar detalhes desses ambientes.

A construção da realidade da criança cega é diferente da criança "normal". Os pesquisadores não tem encontrado nenhuma reação psicológica específica à deficiência visual, além das reações comuns de stress e incapacidade visual, embora salientem que a cegueira acarreta "alguma restrição" quanto a variedade e profundidade de certas

experiências cognitivas, pois o mundo dos objetos somente pode ser percebido se for pequeno e próximo a limitação de experiência, devido ao fato de que a mobilidade é restrita; embora não contribuía para seu mais amplo desenvolvimento, seria condená-los a permanecerem limitados, como se não tivessem outras capacidades normais. Todavia, fornecer cuidados exagerados aos cegos, acarreta prejuízos à medida em que não permite que eles próprios superem os obstáculos com seus recursos disponíveis. Fornecer-lhes condições de trabalho com instrumentos adequados, torna-os mais facilmente adaptáveis em qualquer área a que se destinem e, mediante os quais, com certeza desenvolverão sua imaginação, inteligência, ampliando assim, o seu lado cognitivo, limitado por falta de captação de estímulos. Deve-se procurar olhar para os cegos, combatendo o conceito de piedade, que nos é bastante prejudicial, uma vez que este sentimento nada mais é, que a projeção da pessoa que vê, pois os cegos não tem pena de si mesmos.

- LEITURA DOS CEGOS

O acesso à informação escrita por parte dos cegos, pode ser feito através de fitas cassetes e outros recursos oferecidos pelas novas tecnologias da informática. Porém, o sistema mais utilizado e que comprovou amplamente sua eficácia é o braile. O sistema braile, de uso universal na leitura e na escrita, por pessoas cegas, foi inventado na França por Louis Braille, um jovem cego. Assim, o ano de 1824, foi reconhecido como grande marco, dada a importante conquista para a educação e integração dos deficientes visuais na sociedade.

O código braile, é até hoje o meio mais usado entre os cegos, apesar de todas as grandes descobertas na área tecnológica. O sistema braile utiliza 6 pontos, em relevo dispostos em duas colunas, possibilitando a formação de 63 símbolos diferentes que são empregados em textos

literários dos diversos idiomas, como também, nas simbologias matemáticas e científicas, na música e atualmente na própria informática.

## 2. EDUCAÇÃO DOS CEGOS

A educação é para os cegos o caminho para a integração social, conquista da vida independente, iniciada na família, e que se completa na escola.

Cabe ao sistema escolar oferecer suportes sócio-culturais que se traduzem em termos objetivos e proporcionam situações facilitadoras de aprendizagem. A entrada da criança na escola é uma situação de crise. Operam-se mudanças na sua vida, reorganiza-se o esquema de rotina familiar e neste contexto o indivíduo é mais vulnerável e frágil. Nesse momento são mobilizados recursos internos da criança para encontrar novas pautas de comportamento. No caso das crianças cegas, a adaptação é um pouco mais complexa, visto que estas crianças são muito protegidas por seus familiares, que fazem tudo para elas, na intenção de ajudá-las. Por isso, a criança cega ao entrar na escola, precisa sentir-se amada e, de certa forma, protegida. Além disso, terá que aprender a ser mais independente.

### 2.1 – INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT (IBC)

No Brasil, a possibilidade de criar uma escola especializada para cegos, chegou quando José Álvares de Azevedo retornou da França, onde estudou no Real Instituto dos Jovens Cegos. Levado pelo médico do Palácio e pelo Barão do Bom Retiro – Luiz Pereira do Couto Ferraz – à presença de sua Majestade D. Pedro II, expôs seu plano. Resultou deste encontro a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, que foi inaugurado oficialmente, no dia 17 de setembro de 1854, sem a presença

de José Alvares de Azevedo que faleceu em 17 de março do mesmo ano. O Instituto localizava-se na rua do Lavradio nº3, no bairro da Saúde – Rio de Janeiro.

O primeiro diretor foi o Doutor José Francisco Xavier Sigaud. Em 1891, o Instituto mudou-se para a atual sede na Av. Pasteur nº 350 – Urca, recebendo em louvor a Benjamin Constant Botelho de Magalhães, seu diretor durante vinte anos, o nome atual. Foi o primeiro educandário para cegos na América Latina.

Em 1945, foi criado seu curso ginasial, equiparado ao Colégio Pedro II, proporcionando aos seus alunos a oportunidade de ingressarem em escolas secundárias e universidades.

O IBC funciona em regime de internato durante a semana ( de Segunda a Sexta –feira) e externato para os alunos que podem ir e vir todos os dias. Atende a pessoas cegas e de visão reduzida (sub-normal). Possui um atendimento para pessoas que perderam a visão na idade adulta, com o objetivo de reintegrá-las em suas atividades sociais.

Atualmente o IBC oferece a seus alunos, além do primeiro grau, aulas de atividades da vida diária: artesanato, datilografia e orientação e mobilidade. Todas estas atividades oferecidas são muito importantes, porém, a orientação e mobilidade é uma necessidade vital para os cegos, visto que, a partir daí, teremos a oportunidade de nos locomover sozinhos nas ruas, tornando-nos mais independentes.

A orientação e mobilidade consiste em ensinar a pessoa cega a movimentar-se e criar mapas mentais do espaço para sua orientação; a manusear a bengala e a orientar-se por meios de algumas técnicas. Exemplo: rastrear a bengala para que assim se possa detectar buracos e degraus; colocar a bengala ligeiramente em pé para perceber os degraus de uma escada e, sempre que possível, orientar-se por muros e pelo meio-fio.

O Instituto Benjamin Constant atende as crianças cegas, com visão residual, na fase de 0 a 3 anos, e a seus familiares, na estimulação

essencial. No Jardim de infância recebe crianças a partir de 4 anos completos. Elas são promovidas para a alfabetização, geralmente com 7 anos.

O IBC atende aproximadamente hoje a 250 alunos – do Jardim até a 8ª série.

- O JARDIM DE INFÂNCIA

O JI do IBC, possui atualmente 28 alunos. Estas crianças vêm da estimulação essencial do próprio Instituto, da comunidade, e de outras escolas. Para ingressar no jardim a criança tem que possuir 4 anos completos, não usar fraldas, saber falar o suficiente, para expressar o que deseja e sente e não depender de mamadeiras para alimentar-se.

Levando em conta as etapas exploratórias de conhecimento e representação, são trabalhadas as áreas psicomotoras, cognitivas e sócio-afetivas. Ao início do ano letivo, são realizadas atividades coletivas com as crianças e só depois de observações, pelos professores que atendem, são formadas as “turminhas”. Atualmente são quatro turmas de 7 alunos. Depois de formadas as turmas, cada professor vai com seu grupo de alunos para uma sala completamente vazia. Isto é muito importante porque os alunos fazem um reconhecimento do espaço, e depois, a seguir eles próprios ajudam a organizar os móveis da sala. Dessa forma eles sabem onde estão a mesa, as carteiras, os armários, em suma, todo mobiliário. É importante citar que cada sala de aula possui um banheiro, com uma bancada de pia, para desenvolver as atividades da vida diária. Os demais elementos - calendário, chamadas, sacolinhas de higiene e outros são todos marcados com alguma pista em alto-relevo. Onde existem símbolos escritos, como no calendário e na chamada, estão em tinta e em braile.

Os alunos são avaliados bimestralmente. Existe uma ficha que é preenchida pelos professores e outra pelos pais. Essa é uma forma de



17

manter os pais acompanhando o desenvolvimento dos seus filhos. É feito um trabalho intenso junto aos parentes mais próximos da criança, no sentido de orientá-los, para que saibam como lidar com a deficiência visual. As professoras relatam que através dessa conscientização dos familiares, tem observado um número cada vez maior de pais esforçando-se para não deixar seus filhos no regime de internato. Atualmente das 28 crianças, apenas 10 são internas. O motivo é que às vezes torna-se impossível a saída das crianças diariamente pelo fato de residirem muito distante da escola.

As aulas são em horário integral, pela manhã as atividades são semelhantes a de qualquer outra escola, ou seja, trabalham com pinturas, desenho, leituras, trabalhos artesanais e outros. À tarde, são realizadas atividades da vida diária, como: aprender a lavar objetos utilizados; cortar uma fruta; escovar os dentes, tomar banho, e assim por diante. Apesar de parecerem atividades simples, para a criança cega, precisam ser ensinadas, pelo fato de não poder observar as pessoas.

Um dos principais objetivos é tornar a criança cega o mais independente possível e fazer com que seus parentes e a sociedade em geral, percebam que aquela criança precisa viver integrada como qualquer outra. As professoras enfatizam que levar uma criança cega à praia, teatros, museus, mercados, parques, locais públicos e de outras atividades culturais é muito importante para a sua vivência. Infelizmente, algumas pessoas ainda pensam que uma pessoa cega não consegue tirar proveito desses ambientes.

- ALFABETIZAÇÃO

O IBC recebe para suas classes de alfabetização, as crianças que vem do Jardim de infância do próprio Instituto, alunos vindos de outras escolas e crianças que nunca freqüentaram uma escola.

As crianças vindas do jardim do próprio IBC, tem em média entre 6 e 7 anos. As outras tem idades variadas, entre 6 e 14 anos.

As professoras tem observado durante o seu trabalho com as classes de alfabetização de crianças cegas, que aquelas crianças que passaram por uma estimulação adequada, bem pequenas, apresentam maiores facilidades na aquisição da escrita e da leitura. Diante dessas observações, da própria experiência, e as citadas pelas professoras também cegas, concluímos que uma criança cuja única limitação seja a falta de visão, quando passam pela estimulação essencial tem mais êxito no pré-escolar, vivenciam muitas experiências, nas quais adquirem uma boa coordenação motora e um grau de afetividade que a torna segura, tem prontidão para a escrita e leitura, aos 7 anos de idade, como qualquer outra criança. Não podemos deixar de refletir sobre o fato de que uma criança que enxerga tem um grau de oportunidades infinitamente maiores, visto que, ela vem aprendendo a ler o mundo em sua volta, desde o seu nascimento. Esta, terá contato com coisas escritas como: nomes dos brinquedos, placas de lojas, escritos em suas roupas, jornais ou revistas lidos por seus parentes, e toda uma estimulação visual vinda dos meios de comunicação, enquanto a criança cega só conhecerá o símbolo braile, quando for para a escola. Partindo do princípio de que a escrita é uma necessidade social, as pessoas cegas deixam de estar em contato com a sociedade através desse meio, por um longo tempo de suas vidas.

As classes são divididas em níveis de 1 a 4, de acordo com o grau de desenvolvimento geral de cada aluno:

- Nível 4 – preparatória
- Nível 3 – pré-alfabética
- Nível 2 – alfabética
- Nível 1 - alunos já em condições para passar à primeira série.

No Instituto Benjamin Constant, as turmas são divididas em grupos de crianças cegas que são alfabetizadas através do método braile e grupos

de crianças de visão reduzida, que são alfabetizadas através da utilização de letras ampliadas.

Atualmente o colégio tem 10 turmas de alfabetização, com 5 ou 6 alunos em cada uma. As turmas são compostas por poucos alunos pois, o professor precisa dar um atendimento individualizado.

Quanto a questão do prazo necessário para que uma criança cega seja alfabetizada, as professoras citam casos de alguns de seus alunos, que se alfabetizaram em 4 ou 5 meses. Outros, levam alguns anos. Isto depende do grau de desenvolvimento de cada aluno. Temos que levar em conta as condições materiais, ambientais e o trabalho desenvolvido pelo professor.

Uma professora do IBC, durante o tempo que trabalhou com classes de alfabetização, sempre buscou uma boa integração entre ela, as crianças e os pais ou responsáveis. Para tal, transcrevia as cartilhas que eram em braille para tinta (escrita comum), para que os pais e responsáveis pudessem acompanhar a aprendizagem do aluno cego, da mesma maneira que acompanhava a do filho que enxergava. Infelizmente, esta não é uma prática realizada por todos os professores da alfabetização do IBC.

### 3. OS CEGOS NO ENSINO REGULAR

Inspirado em ideais democráticos, o Brasil tem buscado garantir os direitos dos cidadãos. O artigo 205 da Carta Magna de 1988, declara a educação como direito de todos e o artigo 208, coloca como dever do Estado a garantia de atendimento especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.

Dados específicos das pessoas diagnosticadas como portadoras de deficiências visuais, mostram que 0,7% da população é portadora dessa deficiência (Rodrigues, 1993).

No estado de Santa Catarina, estima-se 24 mil pessoas com deficiência visual. São atendidos 332 educandos na sala de recursos da área de deficiência visual na rede regular de ensino, no primeiro grau e na Fundação Catarinense (Santa Catarina FCEE, 1994). Conforme informação da direção da Associação Catarinense de Integração do Cego, o número de pessoas cadastradas nessa entidade atualmente é de 119. Importante observar que estes são dados de um estado considerado nacionalmente como desenvolvido.

Com base no Capítulo V da EDUCAÇÃO ESPECIAL, inciso primeiro da Lei de Diretrizes e Bases, que assevera: haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial; evidencia-se a necessidade de apoio especializado ficando então configurada a relação entre este apoio e as condições de integrar-se. A LDB é imprecisa na indicação do termo condições de integrar-se.

No Brasil, desde 1950, alunos deficientes de visão, freqüentam escolas comuns e esta experiência não deixa dúvidas quanto à possibilidade de um real ajustamento social do aluno deficiente, bem como ao nível satisfatório do seu desempenho na aprendizagem cognitiva. A mesma experiência no entanto, tem demonstrado que o professor itinerante não consegue suprir as falhas oriundas de um sistema não aparelhado para receber esse tipo de aluno.

### 3.1 – ESCOLAS COM ALUNOS CEGOS

Para melhor esclarecer o acima exposto, basta observarmos o caso apresentado por um aluno cego, que está cursando a oitava série do primeiro grau de um colégio em Niterói. O referido aluno foi alfabetizado e

cursou até a terceira série do primeiro grau no IBC. Ao precisar mudar de escola, procurou algumas do município e a resposta de todas foi negativa, visto que lhe disseram que mesmo matriculado, como determina a lei, não dispunham de condições para atendê-lo. Encontrou atendimento no Colégio Anne Sulivam em Niterói.

O Colégio Anne Sulivam atende a portadores de diferentes deficiências. No caso dos alunos cegos, há uma professora com curso de especialização nesta área e conta também com uma professora cega, para alfabetização até a quarta série. Os alunos são encaminhados para uma escola comum e continuam recebendo apoio do Colégio Anne Sulivam, no sentido de orientações e transcrição de provas, quando necessário.

No Colégio J.B. (nome fictício), os alunos freqüentam turmas de crianças normais. Os professores não possuem cursos de especialização. Atualmente contam com um professor cego, que vai à escola 3 vezes por semana para, na medida do possível, fazer um trabalho junto aos professores, com o objetivo de orientá-los quanto a melhor maneira de lidar com os alunos cegos. Este professor de apoio, também auxilia aos alunos e transcreve as provas destes. Para realizar o trabalho de transcrição, este professor encontra muitas dificuldades, pois também depende de alguém para ditar para ele. O ideal seria dispor de um computador e de uma impressora braile.

Ao serem encaminhados para o colégio J.B. os alunos recebem do Anne Sulivam um kit doado pela Organización de Ciegos de España (ONCE), com materiais para escrita, cálculo e uma fita métrica com marcações em alto-relevo.

Atualmente, há no colégio J.B. apenas um aluno cego. De início a opinião dos professores sobre ele, dividia-se entre aqueles que não sabiam como iriam comportar-se, pois não acreditavam que ele fosse capaz de realizar certas tarefas, outros o tratavam com muita proteção. Havia ainda os que diziam que ele era uma pessoa normal porém,

esqueciam-se de que a normalidade dele possui limites. O relacionamento com seus professores foi melhorando à medida que conviviam, pois o próprio aluno foi mostrando de acordo com os acontecimentos, que não precisava de proteção exagerada, nem de ser desprezado, mas que é uma pessoa normal com uma limitação.

Na maioria das vezes, ao ingressar um aluno cego na turma, as reações iniciais são as seguintes: alguns se aproximam e fazem perguntas, geralmente, sobre o que é o braile e como aprender. Se mostram muito interessados por tudo que o aluno cego é capaz de realizar. Um outro grupo, fica mais afastado, geralmente por não saber como tratar aquele colega diferente. Por fim, a maioria da turma acaba sendo receptiva e mostra-se disposta a ajudar no que for preciso.

Pode-se observar por minha experiência em classes regulares e pelo relato de outros companheiros cegos, que muitas vezes, os colegas de turma não acreditam na nossa capacidade de aprendizagem, pois alguns não nos aceitam em seus trabalhos de grupo. Essa imagem vai se apagando com a convivência.

- ESCOLA RENATA MAGALDI

Esta é uma creche inclusiva, que trabalha dando atendimento a crianças com ou sem deficiências.

Atualmente, são atendidas crianças com Síndrome de Down, paralisia cerebral e uma criança cega.

Este creche tem uma professora que trabalha como estimuladora, é importante destacar que é cega, mas não atende apenas a crianças com deficiência visual e sim, a todas as crianças que precisam de atendimento especial.

Antes do ingresso da criança portadora de deficiência na creche, a professora realiza uma entrevista com os pais ou responsáveis, mediante uma ficha de avaliação elaborada por ela mesma, com o objetivo de

avaliar o comportamento da criança em casa, o relacionamento com os familiares e com ela mesma, as causas da deficiência e a aceitação ou não do problema pelos que a cercam.

As crianças com deficiências são inseridas nas classes de acordo com a idade cronológica e, não de acordo com o grau de desenvolvimento de cada uma. Elas freqüentam a classe normal 3 vezes por semana. Nos outros dois dias, são atendidas em instituições especializadas de acordo com cada caso. Exemplo: Instituto Benjamin Constant, Associação Brasileira de Reabilitação, Pestalozzi e outras.

A creche possui uma sala de recursos onde as crianças são atendidas pela professora estimuladora. Esta procura fazer um trabalho de acordo com o que está sendo realizado em sala de aula e quando necessário, faz uma estimulação motora, auditiva, visual ou tátil, de acordo com as dificuldades apresentadas por cada criança. A creche realiza reuniões semanais com a participação da professora responsável pelo planejamento das aulas e para avaliar como está sendo a participação e o aproveitamento de cada aluno. As crianças participam de todas as atividades pedagógicas, levando em conta as suas limitações.

Vale destacar que nenhuma das professoras que trabalham na creche, foi preparada para atuar com crianças especiais.

Todos os professores e funcionários da creche, se mostram interessados em ajudar no que for possível. Em relação aos demais alunos, pode-se afirmar que não há nenhuma reação negativa.

Um aluno cego, com quatro anos, chegou na creche há um ano. Este era tratado pela família como um bebê. Usava fraldas, tomava mamadeira, quase não falava e só andava no colo. Ele tinha medo de ter contato com as pessoas e com o ambiente a sua volta. Os professores começaram a colocá-lo em contato com os amigos, deixando que ele pegasse nas outras crianças, para que vissem que eram iguais a ele. Está sendo feito um trabalho de coordenação motora para ele aprender a comer sozinho, a vestir-se e a tornar-se mais independente.

O menino ainda não superou muitas das dificuldades que apresentava ao chegar na creche, por este motivo ele ainda não pode freqüentar o jardim de infância do Instituto Benjamin Constant, pois para tal, é preciso que a criança não use fraldas, saiba alimentar-se sozinha e fale de maneira a expressar o que deseja e sente, como anteriormente citado.

A mãe do menino afirma que um neurologista atestou que ele não possui nenhum problema que possa atrasar seu desenvolvimento. Acreditamos que o motivo do seu atraso deva ser a falta de estímulo por parte daqueles que o cercavam desde seu nascimento.

- ORIENTAÇÕES PARA PROFESSORES DO ENSINO REGULAR

As sugestões a seguir, refletem a experiência dos especialistas em educação de deficientes visuais, que tem se dedicado a pesquisar o seu desenvolvimento e as ações e atitudes dos professores do ensino regular, que os tiveram sob seus cuidados.

- O professor que tem na turma um aluno cego, deverá procurar informações sobre o aluno, se possível conversar com os pais;
- Apresentá-lo ao grupo, como faria com qualquer outro aluno;
- Animar o próprio aluno a responder as perguntas que possam surgir, por parte dos demais alunos;
- Identificar-se dizendo seu nome ao entrar na sala;
- Chamar a criança pelo nome;
- Para expressar que concorda ou está satisfeito com o aluno, demonstrá-lo de forma oral;
- Dar-lhe sempre instruções oralmente e não através de gestos;

O professor deve incentivar a criança cega, a brincar com as outras crianças e só interferir se acontecer algum acidente em que a criança não possa se defender.



As experiências que o professor vai adquirindo nesse contato com o aluno cego são benéficas também para os alunos que não possuem deficiência. As estratégias educativas que utilizam outros sentidos, não a visão, são úteis para as crianças não cegas, pois ajudam estas a terem uma melhor percepção (Gonzales, 1996).

#### 4.OS CEGOS EM OUTROS PAÍSES

- Na Dinamarca

A Escola Nacional para Meninos Jovens Deficientes Visuais da Dinamarca, foi fundada em 1898 e atualmente presta serviços a aproximadamente 1300 alunos cegos e portadores de visão sub-normal, desde o nascimento até 21 anos de idade.

No princípio dos anos 70, a educação integrada se converteu na opção preponderante da Dinamarca. Para que essa integração se tornasse possível, ficou claro que os conhecimentos e os recursos de que dispunha a instituição especializada, precisavam se colocar ao alcance do sistema de integração. Foi criado um serviço de acessoramento para oferecer material e ajuda técnica aos alunos cegos e portadores de visão sub-normal, integrados nas escolas regulares. Além disso, a escola especializada oferecia cursos de formação para os professores, enfocando a metodologia a ser seguida com as crianças que tivessem problemas visuais graves. Semelhante ensinamento era ministrado aos pais para ajudá-los a encarar os desafios derivados da presença de uma criança deficiente visual na família. Ao longo dos últimos anos, foi desenvolvido um serviço de assistência tecnológica, mediante o qual se permite que as crianças tenham acesso à informação e aos materiais escritos disponíveis para os colegas videntes. Dispondo de computadores acoplados a periféricos capazes de apresentar a informação em braile,

este serviço tem demonstrado ser de fundamental importância nos programas integrados.

A maioria dos livros atualmente é enviada aos alunos em disquetes ou via molden, através da linha telefônica.

A experiência de vários anos leva os educadores da Dinamarca a concluir que os resultados da integração não são inferiores no que se refere ao rendimento escolar. Quanto a socialização, a experiência tem demonstrado que há problemas graves que interferem na integração social das crianças cegas, tanto nas salas de aula, como nos períodos extra escolares. Os educadores observaram que para algumas crianças era importante serem levadas à Escola Especializada, pois só assim, tomavam conhecimento de que havia pessoas no mundo, semelhantes a elas, quanto ao modo de perceber, pensar e agir. Isso não significa que devemos optar por um outro sistema. Para se tirar proveito dos dois sistemas, é preciso que se permita que os alunos integrados nas escolas das comunidades, freqüentem a escola especial durante os períodos letivos ou durante as férias, para fazerem cursos específicos. Exemplo: atletismo, atividades da vida diária, ensino de novas tecnologias, entre outros.

Nesse país, todas as crianças cegas ou de visão sub-normal, vivem nas suas casas e quase todas as que não tem deficiências adicionais, estão integradas nos jardins da infância e nas escolas de sua comunidade. A porcentagem de crianças com deficiências visuais integradas nas escolas comuns, está entre as mais altas do mundo.

- Na Espanha

A criança cega precisa de técnica de educação especial com aulas e professores de apoio, professor de recursos ou itinerante. Esses suportes vão sendo cada vez menos necessários, a medida que o aluno vai avançando. Exemplo: as crianças quando alcançam os níveis de segundo

grau, só precisam de suportes mecânicos e um mínimo de conhecimentos das suas limitações, por parte do seu professor. Em geral aos 3 anos de idade, a criança mesmo cega, deve incorporar-se a um jardim de infância. Para uma criança cega, isto significa estar num ambiente desconhecido e, portanto, encontrará um pouco mais de dificuldade de adaptar-se do que as outras crianças. Diante disso, é preciso que se faça nas classes, um trabalho de orientação e mobilidade. Este trabalho não é feito pelo professor, e sim por um especialista. O professor apenas colabora em alguns aspectos complementares, tais como: não mudar muito a disposição dos móveis da sala; caso seja preciso alguma mudança, deve avisar ao aluno cego e dar-lhe alguns minutos, para que este faça um novo reconhecimento do espaço. As portas devem ficar completamente abertas ou fechadas, para evitar que a criança esbarre nelas.

Na Espanha, os alunos possuem armários na sala de aula. Sendo assim, recomenda-se que o professor deixe um espaço maior para a criança cega, pois o material desta é geralmente mais volumoso.

Quando a criança está na fase de alfabetização, a tarefa de ensinar-lhe o braile, não é do professor da turma. O aluno deverá passar, no mínimo uma hora e meia com o professor especialista de recursos, neste período o professor da classe e o de recursos precisarão ter freqüentes contatos para planejarem as estratégias educativas.

Importante ressaltar, que na Espanha um professor itinerante conhece a técnica do braile e possui conhecimentos necessários para trabalhar com pessoas cegas, costuma ser também habilitado em outras técnicas de educação especial.

Nesse país, chegou-se a conclusão de que a integração do cego na escola comum é totalmente possível. Precisando apenas de alguns suportes especiais.

É preciso que haja uma descentralização dos recursos e de profissionais que trabalhem em centros especiais para cegos, e de convertê-los em professores itinerantes (Gonzales, 1996).

## CONCLUSÕES

Em um mundo que a cada dia torna-se mais visual, precisa - se pensar na pessoa carente desse sentido e conseqüentemente na preparação desses profissionais que vão colaborar na inserção dessa pessoa na sociedade como um todo.

Este trabalho girou em torno de um dos grandes desafios desta década: a integração do aluno portador de necessidades especiais nas escolas de ensino regular. Questionamos a preparação necessária do professor, para atendimento da criança cega na escola atual.

Concluimos, de acordo com a literatura consultada e através do levantamento de informações por meio de conversas com profissionais da área de deficiência visual, que o professor precisa de alguns conhecimentos básicos, que a maioria ainda não possui.

Há também uma carência muito grande de pessoas especializadas para lidar com a criança cega, o que dificulta a integração desta na escola da rede regular de ensino. A dificuldade para a integração da pessoa cega nas escolas, não está pautada na questão intelectual da criança, e sim, na falta de recursos humanos especializados para desenvolver métodos, técnicas e materiais adaptados necessários ao desenvolvimento de um programa de educação de qualidade, com vistas a facilitar o crescimento global da criança portadora de deficiência visual.

Os poucos cursos de especialização na área da deficiência visual que foram oferecidos, não foram suficientes, visto que, ainda podemos constatar uma carência grande de especialistas nesta área. Para amenizar este problema, a médio prazo, faz-se necessário, que disciplinas que tratem especificamente da deficiência visual, sejam desenvolvidas nos cursos de formação de professores nas faculdades de Educação.

Voltamos à nossa indagação inicial:

*No Brasil, a educação de cegos nas classes regulares é possível?*

Quanto a este questionamento, podemos observar nas situações descritas durante o trabalho, que a educação integrada pode ser possível e de grande importância para a socialização das pessoas cegas. Porém, ainda nos faltam muitas mudanças para que isto se torne um acontecimento e o aluno cego não precise enfrentar tantas barreiras para alcançar sua integração.

Apesar do que nos garante a lei, não existem no Brasil muitas escolas que atendam crianças cegas, desde o pré-escolar, sejam especializadas ou não. A escola Renata Magaldi é uma exceção. Na verdade, as escolas não possuem condições para receber alunos cegos, pois não dispõem de profissionais especializados, material adequado, e mesmo as que dão algum atendimento a alunos cegos, nem sempre contam com um professor itinerante e uma sala de recursos. Portanto, essa integração só será completa, quando nossos estudantes puderem contar com a aceitação e os recursos necessários.

Atualmente, a área tecnológica com o sistema falado (dosvox), tem sido de grande auxílio para as pessoas cegas, possibilitando que digitem seus trabalhos escolares. Porém, as escolas não contam com os materiais essenciais. Que diremos desse recurso tecnológico?

Além disso, nem todas as pessoas cegas em nosso país, tem condições de possuir um computador e a impressora braile.

Infelizmente, enquanto na Dinamarca os alunos recebem os livros em disquetes, aqui ainda não temos sequer, livros didáticos suficientes em braile.

Diante do exposto, afirmamos, que a educação integrada é possível. Porém, para tal, não será preciso criar uma nova estrutura, basta modificar a já existente.

A integração da criança cega, diz respeito as possibilidades e as oportunidades que esta tem para se desenvolver como ser humano. Isto está ligado às concepções e expectativas que se tem a respeito de filho,

aluno, amigo ou parente com deficiência. Para superar as expectativas limitadoras é preciso que haja disposição para conhecer a criança real.

Acima de qualquer questão, está o desenvolvimento global do cego e o seu bem-estar. Pois independente de ter uma deficiência, ele é antes de tudo e acima de tudo, uma pessoa capaz de uma vida independente, que deve ter seus direitos respeitados. Só assim, teremos cidadãos plenos e uma sociedade mais justa e inclusiva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria da Glória. *A alfabetização da criança cega dentro de uma visão construtivista: a busca de um novo caminho*. Rio de Janeiro : Monografia UNI-RIO, IBC. 1991.
- BECHARA Jonir. Utopia e realidade: 30 anos de educação integrada In: *Os cegos no mundo*. Rio de Janeiro : IBC. 1997.
- GONZALES, Miguel Toledo. *La escuela ordinaria ante el niño con necesidades especiales*. Madrid : Santillana. 1986.
- JESÚS, Amélia Paulo de. *A preparação de professores do ensino público regular para o atendimento da criança deficiente visual* Monografia : UNI-RIO, IBC. 1991.
- KIRK & GALLAGHER. *Educação da criança excepcional*. São Paulo : Martins Fontes. 1987.
- LOWENFELD, Berthol. O impacto social da cegueira sobre o indivíduo. In; *O livro para o cego*. São Paulo : Lente. 1981
- MARTINS, Maria da Conceição M. *Da alfabetização à formação profissional do deficiente visual*. Rio de Janeiro : Monografia. UNI-RIO, IBC. 1991.
- OCHAITA & ROSA. Percepção, ação e conhecimento nas crianças cegas. In; Coll, Palacios & Marchesi. *Desenvolvimento psicológico e educação* Necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Vol. 3 Porto Alegre : Artes Médicas. 1995.
- OLIVEIRA, Tania. *Uma abordagem sobre a educação especial para deficientes visuais*. Rio de Janeiro : Monografia. UERJ. 1995.
- SHOLL, Geraldine T. A educação de crianças com distúrbios visuais. In: Cruickshank & Johnson. *A educação da criança excepcional*. Porto Alegre : Globo. 1975
- TELFOR & SAWREY. Os deficientes visuais. In; *O indivíduo excepcional*. 4ed. Rio de Janeiro : Zahar. 1983

IVONETE EUCLIDES DOS SANTOS

**A INTEGRAÇÃO DO CEGO NA ESCOLA  
REGULAR:  
É POSSÍVEL?**

PROFESSORA LEITORA: ANGELA M<sup>te</sup> SOUZA MARTINS

PARER: O TRABALHO APRESENTA UMA ÓTIMA  
SISTEMATIZAÇÃO DE IDÉIAS. O TEMA  
FOI MUITO BEM DESENVOLVIDO, COM  
IDÉIAS CLARAS E BEM ENCORDEA-  
DAS. POR ISSO, CONFIRO O GRAU  
10,0 (DEZ).  
Anelli.